

Colunista

Fernando Botero

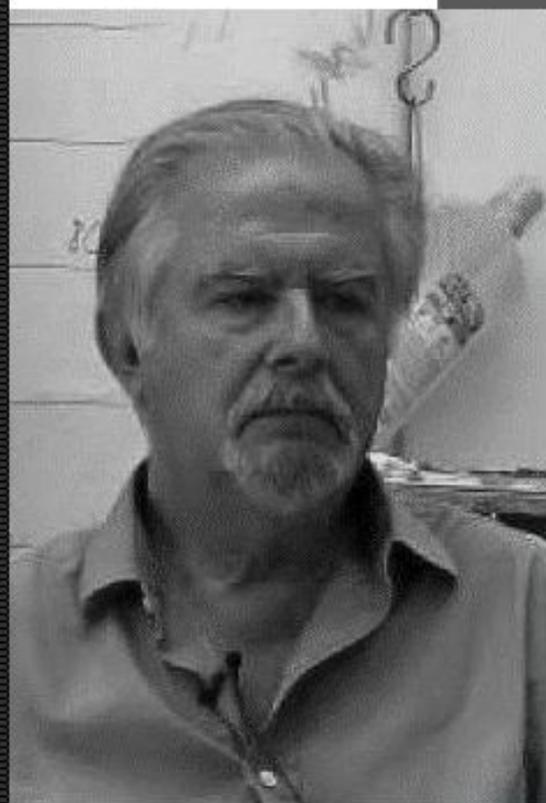


Zilda Maria Beltrão Fraletti

graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 26 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. É a atual presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas.

- zildafrasletti@revistalush.com.br -

O colombiano Fernando Botero é um dos mais prestigiados artistas da América Latina ainda vivo. Possui obras nos acervos dos museus mais importantes do mundo, tendo produzido aproximadamente três mil pinturas, mais de duzentas esculturas e inúmeros desenhos e aquarelas. Atualmente mora na França, mas passa um mês por ano em sua cidade natal, Medellin. >



Botero nasceu em 1932 e em 1951 mudou-se para Bogotá, onde realizou sua primeira mostra internacional. Em 1952 foi para Madri e estudou na Academia de San Fernando. Em 1953 foi para Paris, onde passou a maior parte do tempo no Louvre, estudando as obras ali expostas. Entre 1953 e 1955 morou em Florença, estudou o renascimento e aprendeu a técnica de afrescos. Voltou à Colômbia, expôs na Biblioteca Nacional em Bogotá e começou a lecionar na Escola de Belas Artes da Universidade Nacional. Ainda em 1955 passou um período no México, estudando os murais de Rivera e Orozco. As formas volumétricas de Rivera exerceram forte influência em sua obra.



Na década de 1960 morou e trabalhou nos EUA. Esta foi a época mais difícil de sua vida - foi isolado, rejeitado e sofreu críticas avassaladoras, pois o cenário artístico local estava totalmente imerso no expressionismo abstrato e na Pop Art. Este período foi fundamental para que ele encontrasse seu próprio estilo figurativo, que nunca mais abandonaria. As figuras exageradas, infladas, pintadas de forma arredondada e estática, as proporções distorcidas servem para realçar a sensualidade das formas e enfatizar a natureza cômica de seus personagens. >

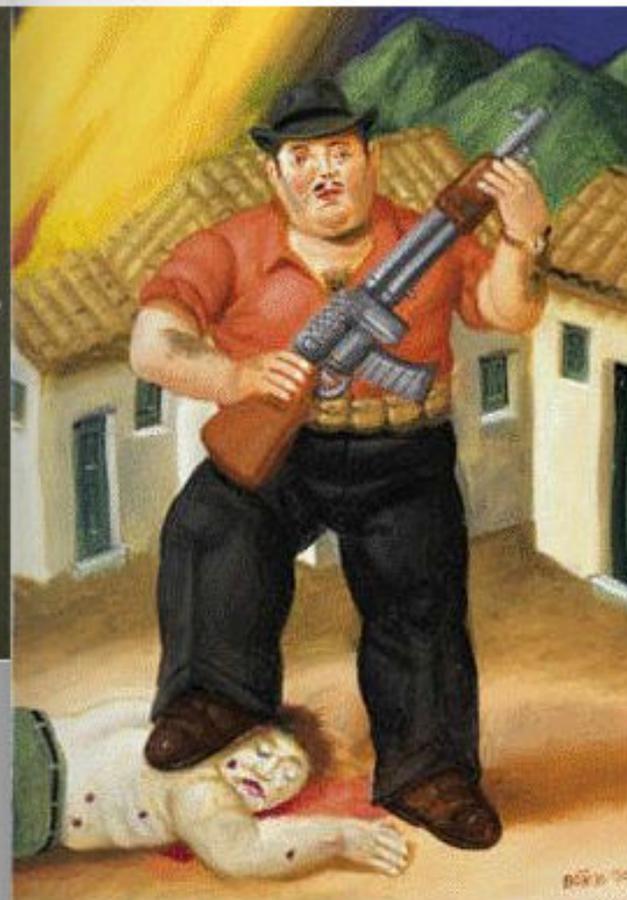


*Sou contra a arte como arma de combate.
Mas, em vista do drama que atinge a Colômbia,
senti a obrigação de deixar um registro sobre
um momento irracional de nossa história.*

BOTERO

Frases de Botero sobre a exposição

O uso de cores brilhantes e planas é uma homenagem à arte folclórica latino-americana. A cor é fundamental, diz Botero, "pois dá luz à pintura. A imagem só alcançará a perfeição quando a questão da cor tiver sido resolvida".



El Cazador

Ele não pinta as sombras porque "elas sujam as cores". Botero não trabalha a partir de elementos vivos ou com o objeto na sua frente, mas apenas a partir da memória; rejeita o individualismo, a emoção e a inquietude. Segundo ele, "a pintura é um mundo muito à parte; uma natureza-morta não é uma gravura botânica. O assunto não é a fruta, mas o quadro. O mesmo se aplica a homens e mulheres". >

Muitos de seus trabalhos são retratos de grupos imaginários ou paródias sobre o trabalho de mestres consagrados. Entre as suas obras mais conhecidas estão as releituras bem-humoradas e satíricas de "O Casal Arnolfini", de Jan van Eyck, e "Mona Lisa", de Leonardo da Vinci. De natureza humorística à primeira vista, as pinturas são geralmente um comentário social com toques políticos. Esta é a marca registrada do artista que, por meio de sua arte, tornou-se o embaixador cultural da Colômbia no mundo. Botero está entre os artistas que personificam a tão conhecida frase de Tolstoi: "Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia". >

O Casal Arnolfini , 1434.



Botero realizou suas versões de pinturas famosas expostas em museus europeus, e declarou: "Estes temas são importantes para mim à medida que se tornam populares e mais ou menos pertencentes a todos. Só então posso fazer algo diferente com elas. Por vezes desejo apenas compreender uma pintura de forma mais profunda e completa, a sua técnica e o espírito que a conduz".



Versão de Fernando Botero para a Mona Lisa.

Esta sua característica é comprovada na mostra "Dores da Colômbia" que o Museu Oscar Niemeyer expõe até o dia 14 de agosto. A exposição é composta por 67 obras produzidas entre 1999 e 2004, sendo 25 pinturas a óleo, 36 desenhos e 6 aquarelas nas quais o artista se transforma em testemunha de um Período

turbulento da história de seu país. Ao contrário do sentido satírico encontrado na maioria de suas obras, nesta série o que se destaca é a força pictórica usada para descrever a violência sofrida pelo povo na Colômbia. Ele queria chamar a atenção do mundo e fez isso com seu próprio "testemunho da irracional história colombiana".

Masacre em Ciénaga Grande - óleo sobre tela, 158 x 201 cm, 2001.



Massacre em Colômbia, óleo sobre tela, 130 x 193 cm, 2000.

Os abusos sofridos pelo povo como consequência da ação de grupos guerrilheiros, políticos e paramilitares na disputa pelo controle de terras e do tráfico internacional de drogas resultou no assassinato de milhares de pessoas e no exílio de 1,5 milhão de colombianos nas últimas décadas. Pessoas baleadas, corpos esquartejados e cadáveres devorados por aves de rapina fazem parte da coleção. "Sou contra a arte como forma de combate. Mas diante do drama que afetou a Colômbia, senti a obrigação de deixar um registro sobre um momento irracional de nossa história", escreveu o artista de 78 anos. >



Com as obras de "Dores da Colômbia", Botero dialoga com uma corrente artística que vincula a arte à política. Entre os artistas que incuíram fatos reais em suas obras e as usaram para denunciar atos cometidos durante períodos de turbulência vividos em seus países estão Francisco Goya com "Desastres da Guerra" e Pablo Picasso com "Guernica".

Em um gesto de solidariedade ao seu povo, Botero fez a doação da coleção ao Museu Nacional da Colômbia e declarou: *"Não vou fazer negócio com a dor do meu país"*. *"Longe de pensar em benefícios econômicos, o artista quer que as obras pertençam à nação e sejam um convite à reflexão sobre as trágicas circunstâncias que temos enfrentado nas últimas décadas"*, explica a diretora do museu colombiano, Maria Victoria Robayo. ▀

La muerte en la Catedral - óleo sobre tela,
196 x 132 cm, 2002.

Matanza de los inocentes - óleo sobre tela,
130 x 193 cm, 1999.